

NOTA DE APRESENTAÇÃO

INTRODUCTORY NOTE

Ideologia, Revolução, Resistência: reflexões sobre o século XX nos 50 anos do 25 de Abril

Os 50 anos do 25 de Abril, celebrados ao longo de 2024, marcam um momento histórico de grande relevância para Portugal, não apenas como uma oportunidade para refletir sobre o passado recente, mas também para pensar o futuro da democracia portuguesa. A Revolução dos Cravos pôs termo a quase cinco décadas de ditadura em Portugal, quer estabelecendo liberdades fundamentais e a democracia, quer dando início a uma nova era política, económica, social e cultural do país. A comemoração do cinquentenário sublinha, pois, a importância dos valores conquistados nesse momento: a liberdade de expressão, a igualdade, a justiça social e os direitos humanos. Outro aspeto fundamental da celebração dos 50 anos é o reconhecimento do impacto do 25 de Abril na projeção internacional de Portugal. A revolução permitiu o fim das guerras coloniais/lutas de libertação, a independência dos países africanos de língua oficial portuguesa e, em pouco mais de uma década, a integração de Portugal na então Comunidade Económica Europeia, reforçando o papel do país no contexto internacional.

Contudo, o cinquentenário também convida a uma reflexão sobre os desafios que a democracia portuguesa enfrenta atualmente, como a necessidade de combater as desigualdades, garantir a participação cívica e resistir a retrocessos populistas. Assim, a celebração de Abril não se limita a um simples olhar sobre o passado, mas representa também um compromisso com o futuro democrático de Portugal, sublinhando a relevância de visitar experiências autoritárias, como a do fascismo italiano, e, portanto, constituindo um desafio de renovação historiográfica.

Neste contexto, o Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20) não podia deixar de, neste número da Revista *Estudos do Século XX*, refletir sobre as conquistas e os desafios da Revolução dos Cravos. Os textos que compõem este número exploram, sob diferentes prismas, os impactos de ideologias, movimentos sociais, culturais e políticos na construção de narrativas históricas e na transformação das sociedades ao longo do século XX, tendo presente os seguintes binómios: ideologias revolucionárias e transformações sociais; autoritarismo e colonialismo; resistência e luta(s) pela mudança.

Assim, os cinco artigos que compõem este número da revista *Estudos do Século XX*, escritos em quatro idiomas diferentes que refletem uma igual diversidade nacional de autores e de perspetivas historiográficas, abordam os binómios acima enunciados, enquadrando-os e problematizando-os sob o signo da revolução como locomotiva (ou não) da História, para retomar o debate do historiador Enzo Traverso a partir da famosa expressão de Marx. Deste modo, em “Le Romantisme Révolutionnaire au 20 Siècle. Ernst Bloch, surréalisme, situationnisme, ecosocialisme”, Michael Löwy (*Centre National de la Recherche Scientifique*, França) examina o romantismo revolucionário como uma visão do mundo que transcende o movimento literário do século XIX, oferecendo uma análise cultural e política crítica da modernidade capitalista. Ou seja, *este* romantismo opõe-se ao utilitarismo e à racionalização, defendendo valores qualitativos e comunitários. Na verdade, a sua expressão no século XX pode ser descortinada em figuras e movimentos como Ernst Bloch, o surrealismo, o situacionismo e o ecossocialismo.

Por seu turno, os dois textos seguintes, versando a Itália de Mussolini, não deixam de apontar para os estudos de George L. Mosse, o qual, ao procurar uma teoria que unificasse as diferentes leituras sobre o conceito de fascismo e os fascismos históricos, empreendeu uma discussão através do seu potencial “revolucionário”. Numa palavra, se procurou mimetizar este ou aquele elemento dos legados revolucionários de 1789 e 1917, ou se, pelo contrário, teria procurado a rutura associada aos processos revolucionários. Ora, Richard Bosworth (*Oxford University*, Reino Unido), em “Hard power and soft power in the reality and the memory of Mussolini’s Italy”, explora o complexo legado do governo de Benito Mussolini em Itália, salientando a inter-relação entre o poder coercivo e o poder persuasivo ao longo da sua ascensão e queda. Dá ainda conta da trajetória póstuma de Benito Mussolini, mostrando como o seu lugar de sepulcro, em Predappio, converteu-se num lugar de memória dos apoiantes do ditador italiano, para fazer uso da terminologia de Pierre Nora. De qualquer forma, a narrativa de Bosworth acentua a natureza heterogénea da sociedade italiana durante e após a guerra, dividida entre os adeptos do nazi-fascismo, os membros da Resistência e uma maioria mais ou menos indiferente. Além disso, analisa as ramificações das ideologias de Mussolini – fascismo, totalitarismo, corporativismo – e a sua relevância na atualidade, com o recrudescimento da direita radical.

Articulando a ligação com outro vetor do regime de Mussolini, o autor Giuseppe Finaldi (*University of West Australia*, Austrália), em “‘It is a Fascist Empire’. Some points of discussion on the nature of the Italy’s colonialism during the Fascist period”, reflete sobre a conquista da Etiópia em 1935-1936. Promovida por Mussolini – “bâtisseur de l’avenir”, segundo Homem Christo Filho – esta fundação de um “império fascista” seria, a um tempo, avatar do império romano e símbolo da transformação da sociedade italiana sob o *fascio*. O autor não apenas integra o colonialismo italiano no contexto colonial da época, mas de igual modo compara esta experiência com outros períodos da Itália contemporânea, como é o caso do liberalismo. Por fim, analisa as características essenciais do “império fascista” italiano.

Por seu lado, Michel Cahen (*Centre National de la Recherche Scientifique*, França), em “7-10 de setembro de 1974 em Lourenço Marques (Moçambique). Uma tentativa de independência branca?”, passa em revista a revolta de parte da população de Maputo contra os Acordos de Lusaka, que transferiam o poder para a FRELIMO. A revolta, heterogénea, oscilou entre a indignação por falta de consulta popular e as ações violentas de grupos radicais, que cometeram massacres nos bairros periféricos. Esses atos conduziram à reação da população negra, que poderia ter resultado num novo massacre, depois evitado pela intervenção das tropas portuguesas e pela FRELIMO. Ao que tudo indica, o movimento do 7-10 setembro não buscava uma independência inspirada no modelo da Rodésia, mas almejava antes o velho sonho de criar um “Novo Brasil” em África.

Por último, a reforma agrária, um tema secular na história mundial, manteve-se central ao longo do século XX, moldando as formas de acesso à terra nas zonas rurais, num período em que muitas economias ainda apresentavam uma estrutura agrária predominante. Destacam-se duas grandes ondas reformistas: a de 1918, impulsionada pelas revoluções russa e mexicana na Europa Central e Oriental; e a de 1945, abrangendo a América Latina, África e Ásia, com resultados desiguais. Casos como o de Espanha,

nos anos 1930, e o de Portugal, após o 25 de Abril, ilustram exceções. Embora frequentemente vistas como radicais, as reformas agrárias ibéricas foram, de acordo com Sergio Riesco Roche (*Universidad Complutense de Madrid*, Espanha) em *Reformas agrarias en Europa y América Latina: ¿motor del cambio social o asignatura pendiente? Un panorama comparativo desde el siglo XX corto*, maioritariamente moderadas, promovendo a transição para uma agricultura capitalista integrada na globalização.

Este número inclui ainda dois ensaios. O primeiro, da autoria de Rui Bebiano (Universidade de Coimbra), com o título “Coimbra 1971-1974: resistência estudantil e contracultura”, aborda como, no final do Estado Novo, o movimento estudantil universitário em Portugal se intensificou na oposição ao regime, especialmente após a crise académica de 1969. Além disso, o período entre 1971 e 1974 caracterizou-se por uma radicalização política, que exigia novas formas de organização, uma repressão policial mais intensa e uma articulação nacional, consolidando uma cultura de resistência à ditadura e às Guerras Coloniais.

O segundo, da autoria de António Pedro Pita (Universidade de Coimbra), intitulado “O ‘Dia Inicial’ e a Discronia. Revolução e Movimentos Sociais”, glosando Sophia de Mello Breyner Andresen, contribui decididamente para este esforço coletivo de pensar o 25 de Abril. Assim, num primeiro momento, incide a sua grelha de análise nas categorias de “revolução” e de “transição”, enquanto modos específicos de ocorrência e de representação da mudança política. Num segundo tempo, o ensaio de Pita sublinha as características e os limites da noção de tempo que é inerente às categorias de “revolução” e de “transição”, não se devendo aqui perder de vista as reflexões do já mencionado Traverso. Por último, num terceiro momento, o autor interroga a hipótese de o 25 de Abril, pelas condições concretas da sua ocorrência, poder constituir um *laboratório conceptual*, onde seja possível fazer a experiência política e teórica de *mutações estruturais* da lógica de transformação política.

Em síntese, todos estes títulos apontam para o confronto entre sistemas de poder (autoritários, fascistas e colonialistas) e os esforços de resistência e de transformação social, destacando a interação entre ideologias, memória histórica e movimentos sociais no século XX, em face do ideário da revolução.

Coimbra, 16 de dezembro de 2024
Clara Isabel Serrano & Carlos Manuel Faisca

Ideology, Revolution, Resistance: A look back on the 20th Century on the 50th Anniversary of the Carnation Revolution

The 50th anniversary of the Carnation Revolution, celebrated throughout 2024, gives us a perfect opportunity to look back on the Portuguese recent past and also to discuss the future of the Portuguese democracy. The Carnation Revolution put an end to nearly five decades of dictatorship in Portugal, establishing fundamental freedoms and democracy while opening a new political, economic, social, and cultural era for the country. Commemoration of this milestone highlights the importance of the new values gained, such as freedom of expression, equality, social justice, and human rights. Another key aspect of the 50th-anniversary celebration is recognizing the impact of April 25th on Portugal's international projection. The revolution put an end to the colonial wars, set in motion the processes of independence among the Portuguese-speaking African countries, and, within a little over a decade, led to Portugal's integration into the then-European Economic Community, reinforcing the country's role globally.

This anniversary also invites us to reflect on the challenges that the Portuguese democracy faces today, such as combatting social inequalities, ensuring civic participation, and resisting populist threats. Thus, the commemoration of April is not merely a look back at the past, but also a commitment to Portugal's democratic future, highlighting the relevance of revisiting authoritarian experiences such as Italian fascism, while also posing a challenge for historiographical renewal. So that has been the motivation behind the thematic issue of *Revista Estudos do Século XX*, published by the Centre for Interdisciplinary Studies of the University of Coimbra (CEIS20). Contributions to this edition examine, from various novel perspectives, the impact of ideologies, social, cultural, and political movements on the construction of historical narratives and societal transformation throughout the 20th century, focusing in particular on revolutionary ideologies and social transformations, authoritarianism and resistance and struggles for change.

The five contributions to this issue of *Estudos do Século XX*, written in four different languages that reflect the diverse nationalities of the authors and their historiographic traditions, address these dichotomies, framing them within the theme of revolution as the locomotive (or not) of History, as the authors engage with historian Enzo Traverso's debate inspired by Marx's famous statement. In "*Le Romantisme Révolutionnaire au 20^e Siècle. Ernst Bloch, surréalisme, situationnisme, ecosocialisme*," Michael Löwy (*Centre National de la Recherche Scientifique*, France) examines revolutionary romanticism as a worldview that transcends the 19th-century literary movement, offering a cultural and political critique of capitalist modernity. This romanticism opposes utilitarianism and rationalization, advocating qualitative and communal values. Its expression in the 20th century can be found in personalities such as Ernst Bloch, and ideological movements like surrealism, situationism, and ecosocialism.

The next two articles, focusing on Mussolini's Italy, draw attention to George L. Mosse's studies on fascism. In "*Hard Power and Soft Power in the Reality and the Memory of Mussolini's Italy*," Richard Bosworth (Oxford University, UK) explores the complex legacy of Benito Mussolini's rule, emphasizing the interplay between a coercive and symbolic power. He also examines Mussolini's posthumous trajectory and his tomb in Predappio as a site of memory for his supporters, using Pierre Nora's 'lieux de mémoire'.

Bosworth highlights the heterogeneous nature of Italian society during and after World War II, divided among fascist supporters, members of the Resistance, and a largely indifferent majority. Giuseppe Finaldi (University of Western Australia, Australia), in “‘It is a Fascist Empire.’ Some Points of Discussion on the Nature of Italy’s Colonialism During the Fascist Period,” analyses Mussolini’s conquest of Ethiopia in 1935-1936 as a symbol of societal transformation under fascism, integrating Italian colonialism into its historical context while comparing it to other periods of contemporary Italian history.

Michel Cahen (*Centre National de la Recherche Scientifique*, France), in ‘September 7-10, 1974 in Lourenço Marques (Mozambique): A White Independence Attempt?’, looks into the reasons that had led to a part of the Maputo’s population protesting against the Lusaka Accords which had transferred power to FRELIMO. This riot ranged from an outrage over the lack of public consultation to violent actions by radical groups who had carried out massacres in the city’s peripheral neighbourhoods. These acts triggered a reaction from the Black population, which could have led to another massacre, ultimately prevented by the intervention of the Portuguese army and FRELIMO. It appears that the September 7-10 movement was not aiming for the Rhodesia independence model but rather aspired to the old idea of creating a ‘New Brazil’ in Africa.

Last but not least, agrarian reforms, a longstanding topic in world history that remained central throughout the 20th century, shaping access to land in rural areas during a period when many economies still featured a predominantly agrarian structure, are approached by Sergio Riesco Roche (*Universidad Complutense de Madrid*, Spain) in “*Reformas agrarias en Europa y América Latina: ¿motor del cambio social o asignatura pendiente? Un panorama comparativo desde el siglo XX corto*”. According to this author, two major reformist waves stand out: the first in 1918, driven by the Russian and Mexican revolutions in Central and Eastern Europe; and the second in 1945, encompassing Latin America, Africa, and Asia. Both revolutions had uneven impacts. The cases of Spain in the 1930s and Portugal after the Carnation Revolution are considered to be exceptions because despite being perceived as radical, they were generally moderate, facilitating the transition to the capitalist-mode agriculture integrated into globalization.

The thematic volume also includes two essays. The first, authored by Rui Bebiano (*Universidade de Coimbra*, Portugal) and titled “*Coimbra 1971-1974: Student Resistance and Counterculture*”, explores how, at the end of the Estado Novo, the university student movement in Portugal intensified its opposition to the regime, particularly after the academic crisis of 1969. It examines how the period between 1971 and 1974 was marked by political radicalization, demanding new forms of organization, increased police repression, and national coordination, establishing a culture of resistance against the dictatorship and the Colonial Wars. The second essay, authored by António Pedro Pita (*Universidade de Coimbra*, Portugal) and titled “*The ‘Initial Day’ and the Dischrony: Revolution and Social Movements*”, decisively contributes to this collective effort to reflect on the April 25 Revolution. Drawing inspiration from Sophia de Mello Breyner Andresen, Pita’s analysis first focuses on the categories of “*revolution*” and “*transition*” as specific modes of political change and its representation. The essay moves on to highlight the potential and limits of the notion of time underlying “*revolution*” and “*transition*”, while keeping in mind Traverso’s reflections. Finally, the author explores the hypothesis of the April 25 Revolution as a conceptual space, that may make possible

rethinking the political and theoretical experience of structural mutations in the logic of political transformation.

All the contributions in the volume highlight the confrontation between systems of power (authoritarian, fascist, and colonialist) and the efforts of resistance and social transformation, emphasizing the interplay between ideologies, historical memory, and social movements in the 20th century, in the scope of the revolutionary ideals.

Coimbra, December 16, 2024

Clara Isabel Serrano & Carlos Manuel Fáisca